

Competência em informação e o combate à desinformação na pandemia de Covid-19: uma análise das bibliotecas universitárias das Ciências da Saúde da UFMG

Information literacy and combating disinformation during the Covid-19 pandemic: an analysis of the university libraries of Health Sciences at UFMG

 Ana Paula Meneses Alves¹

 Bruno Alvarez Perez Alvarenga²

 Débora Ferreira de Oliveira³

 Everton Rafael Caldeira⁴

 Luciene Aparecida Costa⁵

 Richards Sartori Corrêa⁶

¹ Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista - Campus Marília e Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: apmeneses@gmail.com

² Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais e Agente Comunitário de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde - Prefeitura de Belo Horizonte.

E-mail: alv2110@gmail.com

³ Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Mestra em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: deborajroliveira@gmail.com

⁴ Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Analista de planejamento pleno - Empresa Tetra Tech.

E-mail: evertoncaldeira3@gmail.com

⁵ Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Bibliotecária-Documentalista da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: lacostaufmg@gmail.com

⁶ Mestrando em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Bibliotecário-Documentalista do Instituto Federal do Espírito Santo Campus Colatina.

E-mail: rsartoricorrea@outlook.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 12 jan. 2024.

Aceito em: 01 dez. 2025

Publicado em: 05 dez. 2025.

Como citar este artigo:

ALVES, A. P. M.; ALVARENGA, B. A. P.; OLIVEIRA, D. F. de.; CALDEIRA, E. R.; COSTA, L. A.; CORRÊA, R. S. Competência em informação e o combate à desinformação na pandemia de Covid-19: uma análise das bibliotecas universitárias das ciências da saúde da UFMG. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 10, p. 1-26, 2025. DOI: <https://doi.org/10.36517/ip.v10i.92754>.

RESUMO

Durante a crise sanitária vivenciada a partir de março de 2020, verificou-se a disseminação de informações falsas e imprecisas relacionadas às práticas de saúde, como medidas de proteção e a vacinação. O estudo a seguir investiga ações adotadas, durante a pandemia de Covid-19, por bibliotecários, no enfrentamento à desinformação por meio da promoção da competência em informação. Para tanto, tem-se como objeto de pesquisa as bibliotecas universitárias da área de saúde, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A investigação foi conduzida a partir de uma revisão bibliográfica de teorias e hipóteses sobre desinformação, competência em informação e o papel do bibliotecário nesse contexto. Procedeu-se à coleta de dados, via questionário, apresentado aos coordenadores das referidas bibliotecas. Diante das respostas, adotou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), além de metodologia quali-quantitativa, descritiva e exploratória. A investigação constatou que a competência em informação foi empregada com foco em habilidades técnicas diante de um cenário em que as bibliotecas enfrentaram o desafio de transição para o ambiente online. Destacaram-se as ações da Biblioteca da Faculdade de Farmácia na promoção da competência em informação, tangenciando múltiplas dimensões do modelo proposto por Vitorino e Piantola (2011), além da disseminação seletiva de informações de relevância sanitária e social em sua rede de comunicação. Por fim, ressalta-se o papel dos bibliotecários no combate à desinformação, por meio de ações voltadas à educação, mediação e disseminação da informação, fundamentadas na competência em informação.

Palavras-chave: competência em informação. desinformação. bibliotecas universitárias.

ABSTRACT

Durante a crise sanitária vivenciada a partir de março de 2020, verificou-se a disseminação de informações falsas e imprecisas relacionadas às práticas de saúde, como medidas de proteção e a vacinação. O estudo a seguir investiga ações adotadas, durante a pandemia de Covid-19, por bibliotecários, no enfrentamento à desinformação por meio da promoção da competência em informação. Para tanto, tem-se como objeto de pesquisa as bibliotecas universitárias da área de saúde, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A investigação foi conduzida a partir de uma revisão bibliográfica de teorias e hipóteses sobre desinformação, competência em informação e o papel do bibliotecário nesse contexto. Procedeu-se à coleta de dados, via questionário, apresentado aos coordenadores das referidas bibliotecas. Diante das respostas, adotou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), além de metodologia quali-quantitativa, descritiva e exploratória. A investigação constatou que a competência em informação foi empregada com foco em habilidades técnicas diante de um cenário em que as bibliotecas enfrentaram o desafio de transição para o ambiente online. Destacaram-se as ações da Biblioteca da Faculdade de Farmácia na promoção da competência em informação, tangenciando múltiplas dimensões do modelo proposto por Vitorino e Piantola (2011), além da disseminação seletiva de informações de relevância sanitária e social em sua rede de comunicação. Por fim, ressalta-se o papel dos bibliotecários no combate à desinformação, por meio de ações voltadas à educação, mediação e disseminação da informação, fundamentadas na competência em informação.

Keywords: information literacy. disinformation. academic libraries.

1 INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a Covid-19 como uma pandemia que assolava a população mundial. Além das milhares de mortes causadas pela doença, a crise sanitária impactou diversas áreas, como a saúde, a política, a economia, a cultura e o âmbito social. Outro campo fortemente afetado pela pandemia foi a ciência, marcada tanto pelos avanços das pesquisas em busca de soluções

para minimizar os problemas causados pelo coronavírus quanto pelos ataques advindos da internet, principalmente das redes sociais digitais e de aplicativos de mensagens, como Whatsapp e Telegram. Alguns líderes políticos também atuaram contra a ciência, como foi o caso de Donald Trump (atual presidente dos Estados Unidos e que também assumia a cadeira a época, em seu primeiro mandato de 2017-2021) e Jair Bolsonaro (ex-presidente do Brasil - 2019-2022), que se posicionavam contra as descobertas e realizações que eram divulgadas pela comunidade científica e pela imprensa profissional. Nessa batalha de narrativas contra o conhecimento, observaram-se alguns fenômenos, como o negacionismo científico, as fake news, os discursos de ódio e a pós-verdade.

Nesse cenário, e com a crescente produção e disseminação de informações pelas redes sociais online, em um curto espaço de tempo, algumas áreas do conhecimento foram desafiadas a lidar com formas de combater essas práticas deletérias. Entre essas áreas de conhecimento, está a Ciência da Informação (CI). De acordo com Araújo (2020) esse contexto representa um marco provocador para o campo, como uma nova missão no século XXI. Para o autor, tal atribuição se coloca de maneira urgente para a área e é preciso "entender esses fenômenos e desenvolver metodologias, produtos e serviços para combater seus efeitos nocivos" (Araújo, 2020, p. 4).

A partir dessa contextualização, estabelecemos como objetivo geral investigar de que modo a desinformação, marcada pelos fenômenos já apontados, impactou o campo da CI e como a competência em informação foi acionada pelos bibliotecários das bibliotecas da área de saúde da UFMG durante a pandemia de Covid-19. De forma específica, buscou-se mapear as ações desenvolvidas pelos profissionais nesse período, com foco nas iniciativas de enfrentamento da desinformação; analisar como esses bibliotecários compreendem o conceito de competência em informação e suas dimensões, conforme o modelo de Vitorino e Piantola (2011); e identificar se, e de que modo, tais bibliotecas implementaram práticas, programas ou estratégias relacionadas à competência em informação ao longo da infodemia.

Como objetos dessa pesquisa estão as bibliotecas da área de saúde da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). São elas: Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO); Biblioteca da Faculdade de Farmácia (FAFAR); Biblioteca da Faculdade de Odontologia (Odonto) e a Biblioteca do Campus Saúde (Medicina). Nos interessa investigar como os profissionais atuaram durante a pandemia de Covid-19, bem como se compreendem o conceito de

competência em informação e/ou aplicaram alguma ação ou programa relacionado ao termo. Assim, o artigo busca responder: de que modo a competência em informação foi acionada pelos bibliotecários para tratar o problema da desinformação em saúde?

Para tratar essa questão mobilizamos uma bibliografia que aborda conceitos pertinentes à pesquisa, como as noções e teorias sobre desinformação, infodemia, competência em informação, bem como o papel do bibliotecário neste contexto. Também adotamos metodologia quali-quantitativa, descritiva e exploratória, além da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016). Sendo assim, procedemos com a coleta de dados por meio de questionário on-line aplicado aos coordenadores das bibliotecas estudadas e posteriormente a análise do conteúdo das respostas que retornaram.

A estruturação de ações e programas de competência em informação, conduzida pelas mais diversas organizações, é capaz de estimular e disseminar entre os indivíduos o conjunto de competências descrito no modelo de Vitorino e Piantola (2011), que apresenta as características das dimensões da CoInfo: técnica, estética, ética e política. Essas dimensões refletem um processo de formação inicial e continuada que inclui “ensinar” e “aprender” a reconhecer uma necessidade de informação; identificar a fonte correta; buscar, avaliar e usar a informação de maneira eficiente. Tal processo pode transmitir um efeito pedagógico ao usuário da informação, pois procura habilitá-lo a tratar o universo informacional ao seu redor com criticidade e discernimento, inspirando-o, por exemplo, a abster-se de compartilhar informações que ele saiba serem falsas. Assim, essas ações são capazes de imprimir uma marca positiva no comportamento das pessoas, refinando suas práticas informacionais.

Destaca-se o papel das bibliotecas universitárias de saúde da UFMG ao perseguirem o objetivo educacional da instituição por meio da disseminação de informação relevante do ponto de vista sanitário e social, divulgando fatos relacionados a suas áreas de atuação, desconstruindo elementos da desinformação e instruindo a sociedade em fatos balizados pela prática e investigação científica profissional, o que oferece às pessoas elementos reais para a tomada de decisões racionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para tratar da questão proposta neste artigo, se faz necessário, antes, a compreensão de alguns conceitos e noções, como a desinformação e a infodemia; a competência em informação e suas dimensões, bem como o papel do bibliotecário neste contexto.

2.1 Desinformação e Infodemia

Com a chegada da internet e da propagação dos dispositivos móveis originou-se um novo ambiente comunicativo, definido por Castells (2017) como sociedade em rede, aquela cuja estrutura social é composta por redes ativadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Esse cenário transformou profundamente as dinâmicas de interação e circulação de informações, abrindo espaço para fenômenos complexos relacionados à produção e ao consumo de conteúdo. Dentre eles, pode-se destacar o surgimento da chamada era da pós-verdade, marcada pela desordem informacional. Conforme pontuam Silva e Tanus (2019, p. 59), esse fenômeno

[...] vem de raízes profundas: o colapso da confiança nas instituições; o descontentamento político; o acesso a conteúdo informativo de modo imediato; o grande volume de informações veiculadas na internet; o crescimento e aperfeiçoamento das mídias sociais; a acirrada polarização política; a crise da indústria jornalística frente aos novos desafios das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

A desinformação, entretanto, não é uma novidade no contexto da contemporaneidade. Segundo Zattar (2020), a noção de desinformação deriva do inglês *disinformation* e data do período da Guerra Fria. O conceito foi apresentado no Chambers Twentieth Century Dictionary, Londres, em 1972, com a seguinte definição “vazamento proposital de informações enganosas” (Volkoff, 2004 *apud* Zattar, 2020, p. 5). Assim, embora o fenômeno tenha se intensificado com as novas tecnologias, suas origens revelam práticas históricas de manipulação informacional.

O conceito de desinformação segundo Fallis (2015, p. 402, tradução nossa) refere-se a um equívoco intencional, informação imprecisa que pode enganar as pessoas. Fallis (2015) e Floridi (2010) destacam ainda que a finalidade da desinformação é levar o receptor a acreditar que uma informação é confiável e precisa, enquanto trata-se de

uma informação tendenciosa, imprecisa ou descontextualizada que visa a confundir e ludibriar o destinatário. Como apontam Aida e Alves (2019), nem sempre o receptor é um leitor crítico, nesse contexto, acaba assimilando a desinformação como notícia verdadeira.

Fallis (2015) assinala que o processo de compartilhamento da desinformação pode configurar um grande perigo, tendo em vista que pode ser interpretada como uma informação credível, o que poderia levar o indivíduo que a recebeu a compartilhá-la, se não dispor de senso crítico para interpretá-la e julgá-la. De acordo com Heller, Jacobi e Borges (2020, p. 193), “[...] quando se fala em desinformação, é importante destacar que é todo e qualquer tipo de manifestação que venha a enganar, seja um texto escrito ou uma imagem, ou até mesmo um discurso mal comunicado ou enviesado”.

Conforme apontam diversos autores, o termo desinformação não é uma novidade e nem uma inovação do cenário contemporâneo. Wardle e Derakhshan (2017, p. 5) caracterizam este fenômeno e descrevem outras duas concepções que estão relacionadas a desordem informacional:

- a) Mis-information: é quando uma informação falsa ou enganosa é compartilhada, mas sem intenção de causar dano;
- b) Disinformation: é quando uma informação falsa, imprecisa ou enganosa é deliberadamente compartilhada para causar algum prejuízo;
- c) Mal-information: é quando uma informação é baseada na realidade, mas é usada para impor prejuízos a uma pessoa, organização ou país, na esfera pública.

Ainda segundo Wardle e Derakhshan (2017) para se ter desinformação são necessários três elementos: agente, mensagem e intérprete. Os tipos de desinformação estão diretamente ligados à intencionalidade de quem as disseminar (o agente). Abaixo, o quadro correspondente aos tipos de desinformação apresentado pelos autores:

Quadro 1 – Tipos de desinformação

	Tipo	Conceito	Exemplos de conteúdos
Wardle (2016)	Sátira ou paródia	Nenhuma intenção de prejudicar, mas tem potencial de enganar quem desconhece o contexto	Memes
	Conexão falsa	Quando manchetes, ilustrações ou legendas não confirmam o conteúdo	Notícias
	Conteúdo enganoso	Uso enganoso de informações para encaixar uma questão ou indivíduo	Manchete tendenciosa
	Contexto falso	Quando o conteúdo genuíno é compartilhado com informação contextual falsa	Junk news ³
	Conteúdo impostor	Quando fontes genuínas são imitadas	Artigo científico plagiado
	Contexto manipulado	Quando a informação ou imagem genuína é manipulada para enganar	Deep fake news
	Conteúdo fabricado	Conteúdo novo, que é 100% falso, criado para ludibriar e prejudicar	Fake news (notícias falsas)

Fonte: Wardle (2016) *apud* Heller, Jacobi e Borges (2020, p. 197).

Em 2020, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) definiu o que seria a desinformação no contexto da pandemia:

[...] é uma informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar. No contexto da pandemia atual, pode afetar profundamente todos os aspectos da vida e, mais especificamente, a saúde mental das pessoas, pois a busca por atualizações sobre a COVID-19 na Internet cresceu de 50% a 70% em todas as gerações. Em uma pandemia, a desinformação pode prejudicar a saúde humana. Estão circulando informações imprecisas e falsas sobre todos os aspectos da doença: como o vírus se originou, a causa, o tratamento e o mecanismo de propagação. A desinformação pode circular e ser absorvida muito rapidamente, mudando o comportamento das pessoas e possivelmente levando-as a correr riscos maiores. Tudo isso torna a pandemia muito mais grave. (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020, p. 2).

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia de Covid-19. Essa pandemia trouxe uma mudança significativa no contexto social das relações humanas. Em meio à evolução da crise sanitária e o agravamento das mortes causadas pelo coronavírus, houve a necessidade do distanciamento social como uma medida protetiva e de controle da propagação do vírus. Nesse cenário, as mídias sociais ganharam um grande destaque como recurso que permitia a milhões de pessoas se comunicarem e socializarem com seus familiares e amigos diante do isolamento social que enfrentavam. Nesse mesmo contexto, as mídias sociais, que antes ajudavam as pessoas a se conectarem e socializarem diante dos desafios impostos pela Covid-19, contribuíram para se chegar a mais um ponto crítico: a infodemia.

Em fevereiro de 2020, o diretor da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou em uma conferência de segurança realizada na cidade de Munique, Alemanha: “Não estamos lutando apenas contra uma pandemia, estamos

lutando contra uma infodemia” (Munich, 2020). No mesmo ano, em setembro de 2020, as agências OMS e a Organização das Nações Unidas (ONU) divulgaram uma declaração conjunta, ressaltando os desafios que temos à frente para controlar a infodemia e encontrar formas de mitigar os danos causados pela desinformação.

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) atualiza o conceito de infodemia como:

[...] Um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa. A palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento determinado, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020, p. 2).

Nesse contexto, compreendemos que vivemos em um mundo interconectado onde a troca e recebimento de informações são disseminadas diariamente, a todo instante. Sendo assim, precisamos buscar esforços conjuntos e capazes de mitigar os efeitos nocivos da infodemia, bem como ações para promover a divulgação oportuna de informações verdadeiras com base científica e combater a disseminação de desinformação, que “não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade” (Brisola; Bezerra, 2018, p. 3319). No próximo tópico abordaremos sobre a competência em informação que, de acordo com apontamentos da literatura, apresenta dimensões com atributos necessários para se enfrentar esse desafio.

2.2 Competência em Informação

A competência em informação aparece pela primeira vez, em 1974, com o termo “Information Literacy” (IL) citado por Paul Zurkowski, então presidente da *Information Industry Association* (IIA) dos Estados Unidos. O conceito surgiu relacionado à capacidade de utilizar a variedade de recursos informacionais disponíveis. “A abundância de fontes informacionais trouxe como preocupação a questão de treinamento adequado para a utilização dos recursos e serviços disponibilizados pelas indústrias de informação, surgindo, assim, a proposta da *information literacy*” (Mazzetto, 2022, p. 34).

Vitorino e Piantola (2020) ao utilizar o estudo de Dudziak (2003) para mostrar a evolução da *Information Literacy*, no período das décadas de 70 a 90, evidenciaram alguns marcos históricos e constataram que “é marcante a relação entre educação e competência em informação e, inclusive, fica expressa a oportunidade do desenvolvimento de habilidades voltadas ao humano e ao social.” (Vitorino; Piantola, 2020, p. 59).

Na década de 1980, influenciada pelas novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC), a *information literacy* surge como *information technology literacy* com o sentido de capacitação em tecnologia da informação. Em reação, foi publicado o *Information Power: Guideline for School Libraries Media Programs* (1988), editado pela American Library Association (ALA) que apresenta as diretrizes relacionadas às funções pedagógicas do bibliotecário, no sentido de envolver-se no desenvolvimento de habilidades de pensar criticamente, ler, ouvir e ver, ensinando a aprender.

Em 1989, um importante marco na história da competência em informação, o relatório do Comitê Presidencial da Information Literacy da Association of College & Research Libraries (ACRL) - uma divisão da American Library Association (ALA). Nesse documento, a ACRL reitera que pessoas competentes em informação aprendem a aprender, pois sabem aplicar a informação para gerar novos conhecimentos e conseguem encontrar as informações necessárias para diferentes tarefas ou tomada de decisão.

Para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a capacidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária. Produzir tal cidadania exigirá que escolas e faculdades apreciem e integrem o conceito de informação alfabetização em seus programas de aprendizagem e que desempenhem um papel de liderança em equipar indivíduos e instituições para aproveitar as oportunidades inerentes à sociedade da informação. Em última análise, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar informações e como usar as informações de forma que outros possam aprender com elas. São pessoas preparadas para aprender ao longo da vida, porque eles sempre podem encontrar as informações necessárias para qualquer tarefa ou decisão em mãos. (American Library Association, 1989).

Os anos de 1990 foram marcados pela busca de fundamentação teórica e metodológica sobre *information literacy* e uma série de programas educacionais começaram a ser implementados pelo mundo, com destaque para as bibliotecas universitárias. Em 1997, foi criado o Institute for Information Literacy da ALA-ACRL,

com o objetivo principal de capacitar bibliotecários e apoiar a implementação de programas educacionais no ensino superior (Dudziak, 2003). No ano seguinte, a ALA lançou a nova versão do *Information Power*, intitulado *Information Power: Building Partnerships for Learning* (1998):

O novo Information Power apresentou um conjunto de recomendações para desenvolver competências informacionais desde a fase de educação infantil até o ensino médio. Nessa versão, as habilidades de informação foram claramente definidas, não só em termos teóricos, mas também na perspectiva de aplicação. Foram incluídas nove habilidades informacionais, divididas em três grupos que abrangem: 1) competência para lidar com informação; 2) informação para aprendizagem independente; 3) informação para responsabilidade social [...]” (Campello, 2003, p. 31).

Para Campello (2003) o *Information Power* concretiza a assimilação do conceito de competência informacional pela classe bibliotecária e, a partir daí, há um intenso movimento em vários países com a criação de entidades, a realização de encontros profissionais, a implantação de programas e o desenvolvimento de pesquisas que levaram a competência em informação a se constituir como um dos assuntos mais discutidos nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

No Brasil, de acordo com Belluzzo (2018), há estudos pioneiros sobre Competência em Informação no início dos anos 2000 com contribuições de Belluzzo (2001); Dudziak (2001) e Campello (2002). “A partir de então, várias pesquisas e projetos foram desenvolvidos por instituições, pesquisadores e profissionais da informação, o que tem propiciado a cada momento a consolidação necessária para a CoInfo [...]” (Belluzzo, 2018, p. 21).

Dudziak (2003) discutiu a *information literacy* além dos limites da tecnologia, considerando-a um conceito inclusivo:

Na última década, uma ampla variedade de *literacies* tem sido proposta, incluindo a cultural, tecnológica, acadêmica, marginal etc., aspectos compartimentalizados de literacy, termos exclusivos. A *information literacy*, ao contrário, é um termo inclusivo, englobando todas as demais. Praticamente inexplorada no Brasil, a expressão ainda não possui tradução para a língua portuguesa. Porém, algumas expressões possíveis seriam *alfabetização informacional*, *letramento*, *literacia*, *fluência informacional*, *competência em informação*. (Dudziak, 2003, p. 24).

Para Dudziak (2003) *information literacy* está voltada para o aprendizado ao longo da vida, podendo ser definida como “processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e

interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica” (Dudziak, 2003, p. 24).

Para além das perspectivas anteriores, os estudos pioneiros de Belluzzo (2006) destacam que a competência é composta por duas dimensões: a primeira refere-se ao domínio de saberes e de habilidades que permitem a intervenção prática na realidade; e a segunda diz respeito a uma visão crítica sobre o alcance das ações e ao compromisso com as necessidades do atual contexto social.

Diante do excesso de informação cada indivíduo encontra a sua frente uma variedade de opções, o que faz com que seja necessário contar com habilidades para selecionar a informação confiável para a tomada de decisões. “Assim, este exercício implica desde a identificação de dados que distinguem um documento, até a interpretação da informação que permite orientar o usuário quanto à pertinência das fontes recomendadas e a relevância e qualidade da informação obtida” (Belluzzo, 2006, p. 79).

Nessa perspectiva, a viabilidade da competência em informação como forma de enfrentamento à desinformação e *fake news*, pois se apresenta como um processo de “[...] atividades que objetivam desenvolver o senso crítico das pessoas em relação ao uso da informação”. (Belluzzo; Santos; Almeida Júnior, 2014, p. 67).

Como lidar e selecionar informações relevantes diante do fluxo intenso e veloz da informação? Como checar a veracidade das informações? Como intervir para não cair nas armadilhas de conteúdos falsos com intenção de manipular a opinião pública? etc., suscita uma nova demanda, a competência em informação. Desta forma, torna-se pertinente analisar a viabilidade da competência em informação como alternativa para formação dos indivíduos em relação à desinformação e *fake news*. (Watari *et al.* 2022, p. 11).

Vitorino e Piantola (2011) apresentam a competência em informação a partir de uma visão multidimensional, a saber: dimensões técnica, estética, política e ética:

Quadro 2 – Resumo das características das dimensões da competência em informação

DIMENSÃO TÉCNICA	DIMENSÃO ESTÉTICA	DIMENSÃO ÉTICA	DIMENSÃO POLÍTICA
Meio de ação no contexto da informação. Consiste nas habilidades adquiridas para encontrar, avaliar e usar a informação que precisamos. Ligada a ideia que o indivíduo competente em informação é aquele capaz de acessar com sucesso e dominar as novas tecnologias.	Criatividade sensível. Capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar e ressignificar a informação. Experiência anterior individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo.	Uso responsável da informação. Visa a realização do bem comum. Relaciona-se a questão de uso e apropriação da informação, tais como propriedade intelectual, direitos autorais, acesso à informação e preservação da memória do mundo.	Exercício da cidadania. Participação dos indivíduos nas decisões e nas transformações referentes a vida social. Capacidade de ver além da superfície do discurso. Considera que a informação é produzida a partir de (e em) um contexto específico.

Fonte: Vitorino e Piantola (2011, p. 109).

O conceito deve ser entendido de uma maneira multidimensional, abrangendo desde o acesso à informação e o uso das tecnologias de informação e comunicação, até a reflexão crítica da informação, considerando seu contexto social, cultural, econômico, ético e filosófico.

De acordo com Vitorino e Piantola (2020) a competência em informação depende da internalização de fundamentos, valores e do desenvolvimento de habilidades necessárias à compreensão do universo informacional. Para isso, são necessários alguns pré-requisitos como desenvolver programas e ações práticas para este fim, incluindo “ensinar” e “aprender”.

A competência em informação é parte essencial do processo de educação inicial e continuada pelo qual todos os profissionais devem passar, pois constitui a base para as dimensões técnica (o saber fazer e os processos que conduzem ao conhecimento), estética (o aprendizado independente (autonomia) e o fenômeno da criação e da inovação), ética (o pensamento crítico e reflexivo) e política (o outro, o coletivo). (Vitorino; Piantola, 2020, p. 173).

Alves (2016) também apresenta a importância do desenvolvimento da Competência Informacional, em especial, voltada às questões éticas e sociais que cercam o acesso e o uso da informação. Entende-se que o indivíduo, competente em informação, deve ser

capaz de usar uma gama de recursos disponíveis de forma crítica, consciente e comprometida para satisfazer suas necessidades informacionais em diferentes contextos:

[...] um processo de ensino-aprendizagem que abrange o indivíduo ou determinado coletivo e tem como objetivo a otimização de conhecimentos, de habilidades e de atitudes (informáticas, comunicativas e informativas) para lidar de forma adequada e eficiente com a informação em diferentes contextos e formatos.” (Alves, 2016, p. 46).

Nesse sentido, é pertinente elucidar a competência em informação, não somente como um processo para acesso e uso adequado da informação, mas como “uma atitude de sobrevida diante de tantas informações desencontradas e tendenciosas que assaltam a dignidade humana” (Vilhena, 2020, p. 13). Esse processo a ser desenvolvido a longo prazo em bibliotecas, requer a mediação de bibliotecários e educadores, com a finalidade desenvolver atitudes e habilidades informacionais com o objetivo de aprimorar o pensamento crítico e analítico das pessoas.

Campello (2003) já mencionava sobre a percepção em comum de vários autores brasileiros – Caregnato (2000), Campello (2002) e Dudziak (2003) – quanto à necessidade de ampliar a função pedagógica da biblioteca e de repensar o papel do bibliotecário. A seguir, o papel desse profissional da informação numa sociedade caracterizada pelo contexto específico da era da pós-verdade e pelas urgências informacionais da atualidade.

2.3 O papel do bibliotecário ante ao contexto da desinformação

Como discutido na seção anterior, o avanço das tecnologias da informação e comunicação (TICs) modificou de maneira profunda o cotidiano profissional da área da Ciência da Informação. Essa mudança não se limita ao surgimento de ferramentas digitais: ela altera a própria lógica pela qual o bibliotecário organiza, medeia e compreende o fenômeno informacional. Dudziak (2007) aponta que, diante desse cenário, não basta atualizar procedimentos; trata-se de repensar o papel do bibliotecário, sobretudo no que se refere às dimensões pedagógicas e de liderança que passam a integrar sua prática.

A incorporação das TICs transforma também o significado da palavra “informação”. Valle (1996) observa que, com a popularização da microeletrônica e das

telecomunicações, a informação deixa de ser vista apenas como um dado transmitido de um ponto a outro. Ela passa a ser associada à rapidez, ao fluxo contínuo e à multiplicidade de formatos que circulam quase em tempo real. Essa alteração na natureza do objeto de trabalho exige do bibliotecário novas capacidades técnicas e sociais, já que lidar com esses fluxos acelerados implica mediar conteúdos em um ambiente de urgência crescente.

Paralelamente, surge um novo tipo de usuário: aquele que já nasceu imerso no ambiente digital e que, por isso, acessa a informação com maior autonomia. A tecnologia integra sua rotina — no estudo, no trabalho e até nos momentos de descanso — o que naturalmente modifica sua relação com a forma de acesso à informação e com a atual multiplicidade de formatos.

Nesse contexto, torna-se evidente que procedimentos tradicionais pensados para o acervo físico não dão conta da complexidade das práticas informacionais contemporâneas. Lelis *et al.* (2021, p. 113) destacam que o comportamento desses usuários, moldado pelo contato constante com tecnologias digitais, demanda abordagens capazes de dialogar com a fluidez e a velocidade que caracterizam o cenário atual:

Sendo assim, a padronização de normas catalográficas e a oferta de uma estrutura física que garanta a difusão e a acessibilidade da informação não mais atende às necessidades do usuário, posto que as novas tecnologias da comunicação e o alto volume de dados produzidos e disseminados por variados suportes tecnológicos suprem quase em sua totalidade as necessidades de acesso à informação. A necessidade informacional do usuário agora está focada em mensurar a qualidade da informação disponível e em como gerar conhecimento e valor a partir desta informação.

A partir da observação apresentada pelos autores, deve-se ponderar que o fato dos usuários estarem mais expostos a uma maior gama de informação devido ao uso dos recursos tecnológicos, em específico as redes sociais, não os tornam mais críticos no que diz respeito à avaliação e uso da informação. A “necessidade de mensurar a qualidade da informação” é de fato dúbia, dado o fato de muitos dos usuários não terem bem desenvolvidas as suas competências em informação:

Os usuários têm muitas opções, mas pouca habilidade de trabalhar com a informação, e isso também é um fator que contribui para que essas notícias, mis-informação e desinformação continuem em circulação. Dessa forma, é preciso que os bibliotecários e as bibliotecas avancem, no sentido de estarem

mais conectados a seus usuários. Não é possível combater as notícias sem antes evoluir quanto ao letramento informacional, especialmente o online (Araújo; Vogel, 2021, p. 14).

Desta forma, conforme analisado pelas autoras, os bibliotecários devem buscar estar mais próximos dos seus usuários, a fim de melhor entendê-los e ter uma maior compreensão dos fenômenos informacionais aos quais esses se encontram submetidos, principalmente no que diz respeito a desinformação e sua disseminação em meio eletrônico. Os estudos voltados às competências em informação e as fontes informacionais são instrumentais para os profissionais lidarem com estas questões, Silva e Tanus (2019, p. 68) consideram, no entanto, que apenas tais esforços não serão suficientes, pois um novo posicionamento profissional por parte do bibliotecário ante a este novo contexto paradoxal a lógica do seu labor, deve vir a ser perseguido:

Dito isto, o bibliotecário precisa desempenhar o papel de disseminador e mediador da informação na sociedade em geral, promovendo a igualdade nas condições de acesso à informação entre todos os cidadãos, acentuando a função educativa deste profissional. Para além do acesso às informações e/ou avaliações das fontes, o bibliotecário precisa se ater às questões concernentes à apropriação da informação, discutir sobre a informação que é interpretada é também sua responsabilidade. E nessa era da pós-verdade, em que as opiniões assumem importância maior que os fatos, em que as informações são manipuladas, construídas com vistas a uma desinformação, o papel do bibliotecário como um mediador/educador é de suma importância.

Assim, o bibliotecário deve agir como agente mediador e educador para lidar com a desinformação. Buscar fortalecer, a partir das atividades a qual desempenham, a oferta de acesso à informação de qualidade aos usuários, o desenvolvimento das suas competências de informação e o estudo de suas práticas informacionais. Pois, estas serão as ferramentas para auxiliá-lo a combater a disseminação de *fake news* pelas redes sociais e outros canais de informação, bem com os demais fenômenos relacionados.

Por fim, deve o bibliotecário aplicar-se no contínuo aprimoramento de suas práticas profissionais. Pois, só dessa forma poderá compreender e lidar com a disseminação da desinformação não apenas nas redes sociais, como também em outros veículos difusores de fenômenos informacionais relacionados. Mesmo que desde o início deste século a biblioteconomia tenha se voltado às demandas dos indivíduos e menos aos acervos físicos, o combate a produção e difusão de informações falsas em meio eletrônico é um fato novo e necessário à profissão.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para responder ao questionamento desta investigação, acerca de como a competência em informação foi acionada pelos bibliotecários no combate a desinformação durante o período da pandemia (de 11 de março de 2020 a 05 de maio de 2023, quando a OMS declarou o fim da emergência em saúde pública), recorreremos aos seguintes métodos:

- 1) Coleta de dados: nessa fase da pesquisa, desenvolvemos um questionário no Google Forms com quatro questões abertas, para que os coordenadores das bibliotecas da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO); Faculdade de Farmácia (FAFAR); Faculdade de Odontologia (Odonto) e do Campus Saúde (Medicina) respondessem no período de 12 a 20 de junho de 2023. As questões abordadas foram: 1) Quais foram os principais desafios enfrentados pela biblioteca durante a pandemia de Covid-19, relacionado à desinformação?; 2) O que você entende por competência em informação?; 3) Ações de competência em informação foram desenvolvidas pela biblioteca durante a pandemia? Quais?; 4) Após a volta da atuação presencial, qual o balanço que a biblioteca fez sobre esse período? Há novas proposições baseadas na experiência da biblioteca neste período?

Após finalizado o prazo para as respostas, organizamos as informações e seguimos para a segunda parte da organização metodológica.

- 2) Para a análise do material extraído, assumimos como inspiração metodológica Laurence Bardin (2016), autora base que nos guia neste caminho para compreender além dos significados imediatos. De acordo com Bardin, a análise de conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Partindo dessa conceitualização e nas indicações de Bardin (2016), estruturamos a pesquisa com base na organização, codificação e categorização dos dados, seguido da análise. Sendo assim, para explorar o material coletado, definimos como regra de recorte duas unidades: de contexto e de registro que são suportes para codificar e categorizar esta pesquisa.

Como unidade de contexto, trabalhamos com a delimitação de um cenário: as práticas de competência em informação no combate à desinformação durante o período da pandemia de Covid-19, (determinado pela OMS), nas bibliotecas da área da saúde da UFMG. Já sobre a unidade de registro, a pesquisa será de ordem semântica focado no tema: competência em informação. Ainda sobre a análise com atenção em um tema, Bardin 2016 esclarece que:

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os 'núcleos de sentido' que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. [...] O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. (Bardin, p. 135, 2016).

A partir da pesquisa teórica desenvolvida até aqui, nos guiando pela metodologia proposta, realizamos uma leitura das respostas dos bibliotecários participantes, levando em consideração nossa unidade de contexto e de registro e elaboramos 3 categorias para a análise deste trabalho. São elas:

- Categoria 01 - bibliotecas que compreendem o conceito (ou parte dele) de competência em informação: neste indicador serão verificados o que as bibliotecas investigadas entendem sobre a definição de competência em informação;
- Categoria 02 - bibliotecas que desenvolveram ações, programas/projetos de competência em informação durante a pandemia de Covid-19: neste indicador serão contabilizadas e avaliadas as ações de competência em informação desenvolvidas pelas bibliotecas no período proposto;
- Categoria 03 - bibliotecas que consideram suas práticas para além da questão técnica, relacionado a habilidades: neste indicador será avaliado, a partir das

dimensões propostas por autoras como Vitorino e Piantola (2011), se uma visão multidimensional foi abordada pelas bibliotecas durante a pandemia de Covid-19.

Na análise a seguir, apresentaremos como cada biblioteca examina se encaixa nessas categorias, a fim de responder de que modo a competência em informação foi acionada pelos bibliotecários para minimizar o problema da desinformação em saúde.

4 ANÁLISE DE DADOS

Nesta etapa da pesquisa, são apresentados e examinados os resultados de cada uma das três categorias de análises elaboradas. A intenção é evidenciar os impactos de cada categoria na demonstração da atuação das bibliotecas durante a pandemia de Covid-19, com base em práticas de competência em informação.

Como já apontado na descrição do percurso metodológico, quatro bibliotecas da área da saúde da UFMG foram acionadas para o desenvolvimento desta pesquisa, sendo: Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO); Biblioteca da Faculdade de Farmácia (FAFAR); Biblioteca da Faculdade de Odontologia (Odonto) e a Biblioteca do Campus Saúde (Medicina). Dessas, três responderam ao questionário, faltando apenas a Biblioteca do Campus Saúde.

Quadro 3 - Categorias de análise

CATEGORIAS	BIBLIOTECAS ANALISADAS
Categoria 01 - bibliotecas que compreendem o conceito (ou parte dele) de competência em informação.	FAFAR EEFFTO
Categoria 02 - bibliotecas que desenvolveram ações, programas/projetos de competência em informação durante a pandemia de Covid-19.	FAFAR ODONTO
Categoria 03 - bibliotecas que consideram suas práticas para além da questão técnica, relacionado a habilidades.	FAFAR

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Partindo da análise da categoria 01, observamos que a FAFAR e EEFFTO compreendem o conceito de competência em informação (ou parte dele), pois responderam de forma a contemplar o tratado no referencial teórico desta pesquisa. Já a resposta da Odonto não reflete a mesma compreensão, ao restringir o conceito de competência em informação à capacidade do indivíduo de encontrar informações. Lembrando que de acordo com autores como Vitorino e Piantola (2011), Campello (2003) e Alves (2016), esse conceito é mais amplo e abrange diferentes esferas e contextos, como o social, econômico, político, cultural, filosófico etc.

Quadro 4 - Análise da categoria 01

FAFAR	Entendo como um processo contínuo de desenvolvimento de habilidades de forma a saber lidar com a informação de maneira adequada e eficiente ao longo da vida. Relaciona-se com a capacidade do indivíduo em reconhecer a necessidade da informação, saber buscar, avaliar e usar a informação para solução de problemas, agindo com ética ao comunicar e reutilizar a informação.
EEFFTO	A capacidade da pessoa de reconhecer a necessidade da informação, a capacidade de localizar, avaliar e utilizar a informação de forma correta.
ODONTO	Capacidade do indivíduo em encontrar as informações de que necessita.

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Para a análise da categoria 02, FAFAR e ODONTO apresentaram ações de competência em informação durante o período de pandemia, como apontado nas respostas da tabela 03. Neste indicador, observamos que FAFAR e ODONTO desenvolveram atividades relacionadas à competência em informação, mas que em nenhum dos casos estavam ligados a um programa mais amplo. Também foi demonstrado que apenas FAFAR tratou a questão da desinformação de forma mais direta, promovendo a divulgação de informações e entrevistas com autoridades da área da saúde, como o professor e doutor em infectologia, Unaí Tupinambá, que esclareceu notícias falsas acerca do uso do álcool em gel. Neste indicador, observamos que a FAFAR promoveu uma importante ação de combate a desinformação, divulgando de maneira oportuna informações verdadeiras com base científica.

A desinformação, é uma verdadeira desordem informacional, que se expande a velocidades vertiginosas como um vírus contagioso e mortal (Wardle; Derakhshan, 2017). Diante à complexidade de um mundo assolado pela pandemia e a subsequente torrente informacional que ela ensejou, é necessário destacar a relevância da iniciativa dos programas e ações de competência em informação conduzidas pelas bibliotecas. Os espaços universitário e escolar configuram-se como ambientes adequados à implantação de tais programas, uma vez que, exercendo a função precípua de educar e formar, essas organizações devem conceber este intuito de maneira ampliada, de modo a cultivar cidadãos e cidadãs que reúnam, mais que os saberes técnicos de suas áreas de formação, as competências analíticas para buscar, selecionar e avaliar criticamente a informação em seus variados suportes, bem como identificar seu uso ético.

Quadro 5 - Análise da categoria 02

FAFAR	A Biblioteca da Farmácia realizou aulas online para alunos de graduação e pós-graduação para normatização de trabalhos acadêmicos e orientações individuais foram realizadas mediante agendamento. Além disso, o Facebook foi um importante veículo de comunicação, divulgando notícias de instituições da área da saúde sobre o desenvolvimento de vacinas, testes, diagnóstico e tratamento da COVID-19. Antes da suspensão das aulas presenciais, Unai Tupinambá - Infectologista da UFMG foi entrevistado na Biblioteca da Faculdade de Farmácia (FAFAR) desmentindo fake news sobre o uso de álcool gel e a reportagem foi divulgada no Facebook. Através do Facebook informamos sobre lives de professores da FAFAR (Em tempos de pandemia e solidariedade), além de informações sobre serviços e atendimentos realizados pela biblioteca. O site da biblioteca disponibilizou manual atualizado sobre normalização para trabalhos acadêmicos, tutorial para utilização das plataformas de e-books e disponibilizou acesso aos e-books da bibliografia básica dos cursos de Farmácia e Biomedicina por assunto.
EEFFTO	Durante a pandemia o trabalho foi praticamente operacional.
ODONTO	Houve treinamentos do Portal CAPES ministrados pela Biblioteca de forma remota, atendimento de respostas a e-mails orientando quanto ao acesso e uso dos e-books, normalização, renovação de livros e outros serviços online.

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Na categoria 03 consideramos que apenas FAFAR desenvolveu, durante o período da pandemia, atividades para além das habilidades técnicas e aborda outras dimensões como proposto por Vitorino e Piantola (2011). Nas atividades desenvolvidas pela Biblioteca da FAFAR é possível observar a existência de preocupações com aspectos éticos, políticos e estéticos, principalmente na forma como se preocupa em disseminar informações para sua rede, via Facebook.

Outros pontos que merecem destaque e que também foram abordados durante o questionário estão relacionados às incertezas e medos advindos da pandemia, além do desafio de adaptação dos processos da biblioteca para o ambiente 100% online. Em contraponto a esse aspecto, alguns procedimentos que antes eram realizados presencialmente, agora, após o teste durante o período da pandemia, podem ser realizados de forma remota, como é o caso emissão de declarações e cadastro de usuários no Sistemas de Bibliotecas, no caso da FAFAR.

Diante do exposto, esta pesquisa concluiu que a competência em informação foi pouco abordada e trabalhada pelos bibliotecários das unidades pesquisadas. De certa forma, apenas as habilidades técnicas foram mais destacadas, mesmo em um cenário onde a saúde foi alvo de inúmeras notícias falsas, além do negacionismo científico. Dessa forma, ainda que os bibliotecários tenham entre suas atribuições rotineiras a transmissão, mediação e disseminação da informação é preciso repensar qual o papel desses profissionais frente à emergência de questões como a desinformação não só na esfera da saúde, mas em um cenário mais amplo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A massiva desinformação em meio digital, iniciada a partir do ano de 2016, tomou maior musculatura a partir da pandemia de Covid-19, a ponto de ser declarada concomitantemente a esta uma pandemia de informação, a infodemia. O uso das redes sociais para a disseminação de notícias inverídicas no que se tratava a prevenção e tratamento da doença tomou proporções muitas vezes dramáticas, pois alimentou um sem-número de más práticas de saúde e desacreditou o fazer científico. Observou-se que os indivíduos demonstravam fragilidades na análise crítica de informações que lhes eram disponibilizadas, o que evidenciou a vulnerabilidade da maioria em relação ao desenvolvimento de sua competência em informação.

A competência em informação, entendida como uma metacompetência – um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes – que estimula o desenvolvimento da aprendizagem e do pensamento crítico a partir da busca, análise e uso da informação, mostra-se uma ferramenta poderosa no que tange ao combate à desinformação em meio digital. A partir do que é proposto por Vitorino e Piantola (2020), deve-se desenvolver a partir das suas quatro dimensões (técnica, estética, política e ética) a capacidade do indivíduo em aprimorar as habilidades necessárias para uma aprendizagem ativa e o amadurecimento de seu comportamento analítico ante ao universo informacional em seu entorno. A pesquisa, a princípio revelou que parte dos respondentes não conhecem plenamente o papel da competência em informação e das suas dimensões, limitando suas respostas a uma ou duas delas.

A partir do exposto pelos resultados da pesquisa, nota-se o esforço de parte das bibliotecas, a partir dos canais eletrônicos de informação que lhes era disponível, em transmitir o conhecimento científico, a partir das pesquisas que eram realizadas na época dos acontecimentos da pandemia, ante ao excesso de informações inverídicas disseminadas. Isto reforça o comprometimento do profissional no seu papel de mediador, buscando sempre apresentar aos seus usuários reais e potenciais fontes de informação confiáveis em meio ao vasto compartilhamento de informações inverossímeis, no entanto, para estar em consonância aos propósitos da competência em informação é preciso ir além, ao passo de pleitear ações permanentes conectadas com todas as suas dimensões.

Desta forma cabe ressaltar a necessidade de o bibliotecário desenvolver mais o seu perfil educador, consciente da sua capacidade de instruir os seus usuários ao uso da informação de forma ética, criativa e consciente, como forma de despertar o ser competente em informação, capaz de reconhecer o valor da informação enquanto diferencial na vida da comunidade e na sua própria.

Constatou-se, ainda a partir da análise dos questionários, que as bibliotecas até então demonstram estar muito focadas na dimensão técnica da competência em informação. Assim, buscam apenas tornar o usuário conhecedor das habilidades necessárias para acesso e o uso de um sistema e/ou unidade de informação. Mesmo com as iniciativas propostas de divulgação de informações científicas fidedignas em suas redes, mostrou-se que parte das unidades estudadas ficaram voltadas apenas às suas funções cotidianas de antes do isolamento social proporcionado pela COVID-19.

Portanto, as bibliotecas das ciências da saúde da Universidade Federal de Minas Gerais, mesmo diante a um cenário adverso que diretamente influenciou e questionou a relevância e a confiabilidade das pesquisas de sua área de estudo, mantiveram-se atuantes durante o período da Pandemia, trabalhando de maneira a divulgar informação científica em saúde pautadas na ética e na veracidade das informações, balizadas nos princípios e práticas da biblioteconomia, bem como da ciência da informação. Trabalhando parte das dimensões da competência em informação, mesmo possuindo um conhecimento parcial a respeito desta.

Por fim, sugerimos que sejam realizadas outras pesquisas com os mesmos objetivos nas demais bibliotecas da instituição, assim como em outras instituições de ensino superior, para saber mais a respeito da atuação dos bibliotecários e bibliotecas durante este momento vivenciado pela sociedade como pela academia. Além disso, almeja-se com novos estudos conhecer mais a respeito do desenvolvimento de possíveis ações de competência em informação que foram ou estão sendo desenvolvidas por demais unidades de informação no país.

Esperamos que com o resultado alcançado e aqui exposto possa trazer um panorama institucional a respeito da viabilidade de realização de atividades voltadas ao usuário a fim de dirimir os efeitos negativos que a desinformação tem causado socialmente e poder demonstrar o papel do bibliotecário como o profissional capaz de prover informações confiáveis a sua comunidade, assim como ser um dos principais atores no combate aos males da desinformação, a partir das suas ações voltada para a educação, mediação e disseminação da informação fundamentadas na competência em informação.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Flávia; ALVES, Januária Cristina. **Como não ser enganado pelas fake news**. São Paulo: Moderna, 2019.

ALVES, Ana Paula Meneses. **Competência informacional e o uso ético da informação na produção científica**: o papel do bibliotecário na produção intelectual no ambiente acadêmico. Orientadora: Helen Castro

Siva Casarin. 2016. 287 f. Tese - (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Evaluating information**: information literacy. Chicago: ALA, 1989. Disponível em:

<https://libguides.ala.org/InformationEvaluation/Infolit>. Acesso em: 27 jun. 2023.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A missão da Ciência da Informação na era da pós-verdade. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-19, 2020.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57185>. Acesso em: 23 de jun. de 2023.

ARAÚJO, Livia de Oliveira Lima Cavalcanti; VOGEL, Michely Jabala Mamede. Bibliotecários e fake news: análise de publicações nacionais.

Conhecimento em Ação, v. 6, n. 1, p. 5-24, 2021. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/33684/24018>. Acesso em: 26 jun. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista.

Competência em informação no Brasil: cenários e espectros. São Paulo: ABECIN, 2018. 217 p. *E-book*

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O uso de mapas conceituais e mentais como tecnologia de apoio à gestão da informação e da comunicação: uma área interdisciplinar da competência em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 2, n. 2, p. 78-89, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/439>. Acesso em: 27 jun. 2023.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; SANTOS, Camila Araújo dos; ALMEIRA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**,

Londrina, v. 19, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014. Disponível em:

<https://www.labirintodosaber.com.br/wp-content/uploads/2018/11/coinfo-regina-belluzzo-et-al-2014.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XIX, 2018, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2018. p. 3316-3330. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1219/1636. Acesso em: 27 nov. 2025.

CAMPELLO, Bernadete. A competência informacional na educação para o século XXI. In: Campello *et al.* **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 9-11.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/986/1028>. Acesso em: 22 nov. 2025.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000. Disponível em: <https://cedap.ufrgs.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11959/137/v8a3.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 18. ed. Tradução: Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra,

2017. v. 1

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016/1071>. Acesso em: 25 nov. 2025.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. **Ponto de Acesso**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1396>. Acesso em: 23 dez. 2024.

FALLIS, Don. Wha Is Disinformation? **Library Trends**, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015. Disponível em: <https://muse-jhu-edu.ez27.periodicos.capes.gov.br/pub/1/article/579342/pdf>. Acesso em: 27 nov. 2025.

FLORIDI, Luciano. **Information**: a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2010.

HELLER, Bruna; JACOBI, Greison; BORGES, Jussara. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 49, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/149761>. Acesso em: 29 jun. 2023.

LELIS, Henrique Rodrigues *et al.* As necessidades do usuário da informação e as habilidades e competências do moderno profissional da informação. **Conhecimento em ação**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 101-121, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/41554/24045>. Acesso em: 26 jun. 2023.

MAZZETO, Ana Carla Epitácio. **Mediação e acesso à informação no contexto da pandemia da COVID-19**: o papel das bibliotecas da Universidade Federal Fluminense no apoio ao ensino remoto emergencial. 2022. 254 f. Dissertação – (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

MUNICH SECURITY CONFERENCE, 56th., 2020, Munich. Disponível em: <https://securityconference.org/en/publications/books/selected-key-speeches-volume-i/2020-2024/speech-tedros-adhanom-ghebreyesus-2020/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa COVID-19** - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 10 ago. 2020

SILVA, Silvana Souza da; TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. O bibliotecário e as fake news. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 58-82, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/41558>. Acesso em: 26 jun. 2023.

VALLE, Benjamim de Medeiros. Tecnologia da informação no contexto organizacional. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 1-7, 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/669>. Acesso em: 26 jun. 2023.

VILHENA, Cláudia Maria Alves. Inter-relação entre competência em informação e a covid-19. **Biblionline**, João Pessoa, v. 16, n. 3/4, p. 11-23, 2020. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/156908>. Acesso em: 22 nov. 2025.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação [recurso eletrônico]**: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Florianópolis: Ed. UFSC, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/212553>. Acesso em: 15 de jun. 2023.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional (2). **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/SjcbWRPPfNPjhF5DhFTSkcv/#>. Acesso em: 18 fev. 2024.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research

and policy making. Council of Europe: 27 sep. 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 27 nov. 2025.

WATARI, Angela *et al.* A informação no contexto das redes sociais digitais. **Informação em Pauta**, v. 7, n. 00, p. 1-27, 2022. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/71817>. Acesso em: 27 jun. 2023.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, dez. 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5391/5112>. Acesso em: 27 nov. 2025.